



ARTE E TECNOLOGIA: PERCURSOS PARA REFLEXÕES POLÍTICAS

GIULIA RIZZATO¹; ANDY MARQUES REAL²; FELIPE MERKER CASTELLANI³

¹Universidade Federal de Pelotas - giuliarizzato@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - andy.marques.real@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - felipemerkercastellani@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a cultura por vezes ser dissociada do desenvolvimento tecnológico, podemos observar na arte como a relação entre essas áreas caminham concomitantemente.

A partir da análise de artistas que caminham por esse espaço, pode-se desenvolver debates relevantes sobre o assunto. Posteriormente à Duchamp e os vanguardistas do dadá, o grupo Fluxus - que teve seu período mais ativo entre as décadas de 60 e 70 - desenvolveu no campo das artes um importante movimento interdisciplinar que produzia desde happenings até intervenções neodadaístas, e “retomavam os conceitos libertários sob a ótica moderna dos diálogos tecnológicos e o automatismo” (ROCHA, 2015)¹.

Observando obras de Cildo Meireles, Letícia Parente, Daniel Lima e Renata Sampaio, procuro por meio do presente artigo apresentar maneiras divergentes de apropriação tecnológica para expressar-se politicamente em arte.

O carioca Cildo Meireles em sua famosa série *Inserções em Circuitos Ideológicos* (1970), se concentrava em “isolar e definir o conceito de circuito, valendo-se de um sistema preexistente de circulação”. Inseria, então, frases nas garrafas de Coca-Cola e em cédulas de dinheiro - grandes símbolos do capitalismo -, transformando-os em uma espécie de “graffiti móvel” (MEIRELES, 2013)². Esses

¹ “A ARTE ELETRÔNICA DE NAM JUNE PAIK”, por João Rocha para a revista online Obvious, na coluna Zoom nas vísceras, na sessão de artes e ideias. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/zoom_nas_visceras/2015/02/a-arte-eletronica-de-june-paik.html>

² ver “Carbono entrevista Cildo Meireles”, por Marina Fraga e Pedro Urano através da revista digital Carbono. Ed. 4, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.revistacarbono.com/wp-content/uploads/2013/09/Carbono-entrevista-Cildo-Meireles.pdf>>. Acesso em 12 set. 2019.

objetos que influenciam o comportamento político-social, visam tratar de produção, distribuição e controle de informação, em pleno regime ditatorial. Em algumas das suas cédulas eram encontradas frases como “Por que o Toninho do PT foi assassinado?”, ou “O que aconteceu com Amarildo?”, questões que tinham relação direta com acontecimentos envolvendo o sistema político.

Assim como Meireles, a artista baiana Letícia Parente percorreu o arriscado campo da expressão política durante a ditadura explorando meios até então pouco penetrados. Considerada uma das pioneiras em videoarte no Brasil, seu trabalho *Marca Registrada*³, de 1978, promove-se como um retrato de proposição crítica ao cenário político brasileiro na fase mais violenta da ditadura. Durante cerca de oito minutos, a artista costura na sola de seus pés a frase “Made in Brazil” colocando em diálogo as linguagens do vídeo, performance e texto, emergindo a afirmativa de que ser “feito no Brasil” naquela época implicava viver tortura e censura.

2. METODOLOGIA

A partir da leitura de Fernando do Nascimento Gonçalves, Arlindo Machado e Marcus Antônio Assis Lima - autores que transitam pela artemídia, ativismo e ativismo nas Artes - e análises de obras dos artistas citados no item anterior, exemplifico como a tecnologia pode ser utilizada para tratar de questões políticas através das artes.

A pesquisa conta com leitura de livros e artigos, e entrevistas concedidas pelos próprios artistas, que serviram de base para o desenvolvimento da reflexão sobre a influência da tecnologia quando se trata de arte e política.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme tecnologia e cultura se desenvolvem, é possível perceber como os artistas da contemporaneidade utilizam dos meios tecnológicos recentes para

³**Marca Registrada - Letícia Parente**, por Equipe Editorial da revista digital ArteRef. fev. 2013. Disponível em: <<https://arteref.com/video/marca-registrada-leticia-parente/>> Acesso em 12 set. 2019.



propagar críticas aos sistemas vigentes e discutir novas formas de subverter suas funções para propor mediações entre os nichos.

Em *Palavras cruzadas: lugares de fala contemporâneos* (2018) o artista Daniel Lima expõe em uma arena circular no Sesc Vila Mariana (São Paulo) 12 projeções de pessoas em tamanho real, aguardando o espectador estar posicionado à sua frente para que aconteça ali uma interação “olho a olho”. Os relatos sobre situações de desprivilégio, que variam entre seis e dez minutos de duração, são revelados quando o visitante demonstra empatia genuína, se dispondo a olhar fixamente para o rosto de um dos personagens através da tecnologia de reconhecimento facial. Ao compor uma frente popular com importantes lideranças sociais brasileiras⁴, o artista aponta que “não se trata de dar visibilidade às minorias mas amplificar as vozes de grupos que compõem a diversidade étnica e social do Brasil, e que foram historicamente minorizados por normas sociais hegemônicas”, e observa: “só há lugar de fala quando há espaço para a escuta” (LIMA, 2019)⁵ - citando a abordagem da filósofa Djamila Ribeiro sobre conceito de lugar de fala.

Outro exemplo dessa apropriação tecnológica para transmitir saberes através da arte, é a obra *ZAPRETAS*⁶ (2018), idealizada e desenvolvida pela artista carioca Renata Sampaio, juntamente a quatro artistas negras brasileiras (Andy Marques, Milena Lízia, Taís Teles, e Zanza Gomes). O trabalho acontece quando as cinco artistas conversam, por meio de áudios do Whatsapp, sobre como é ser uma mulher negra. O acesso ao trabalho se dá por meio de um QRCode que é disposto no espaço expositivo onde o espectador tem acesso aos áudios diretamente via celular.

⁴ Os 12 entrevistados da instalação representam o movimento indígena, o movimento sem-teto, o das prostitutas, o movimento “Mães de maio”, movimento dos imigrantes, movimento secundarista, o movimento quilombola, pessoas inseridas no sistema carcerário, cultura surda, movimento trans, movimento LGBT e feminismo negro.

⁵ Entrevista concedida pelo artista Daniel Lima para o Jornal Cruzeiro, disponível em: <<https://www.jornalcruzeiro.com.br/mais-cruzeiro/cultura/daniel-lima-traz-a-sorocaba-sua-exposicao-interativa-movida-pela-empatia/#>> Acesso em: 14 set. 2019.

⁶ **SER MULHER NEGRA NO BRASIL: CHC SANTA CASA RECEBE EXPOSIÇÃO ZAPRETAS.** disponível em :

<<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/ser-mulher-negra-no-brasil-chc-santa-casa-recebe-exposicao-zapretas/>> Acesso em: 14 set. 2019.



Obras como a de Renata Sampaio e Daniel Lima buscam não só usar a tecnologia como suporte, mas também como ferramenta de democratização e ação direta na arte, pois geram o movimento de autonomia ao público que precisa ativar os trabalhos para que eles cumpram sua função.

4. CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa, podemos concluir que ao nos apropriarmos dos meios tecnológicos é possível subverter e ressignificar objetos pré-configurados para suprir as mazelas do sistema capitalista em prol da democratização e propagação dos saberes. A partir de ações de “interferência cultural” (LIEVROUW 2011, 2012) observa-se como os trabalhos citados anteriormente “fazem referência a diferentes domínios da vida social, da cultura ou das práticas tecnológicas” (LIMA apud LIEVROUW, 2014, p. 5), de modo a reconfigurar “elementos da cultura popular criando novos trabalhos de um ponto de vista irônico ou subversivo” (LIMA, 2014, p.7), ocupando o campo da cultura mainstream a fim de criticá-la.

Percebe-se que com a apropriação da tecnologia, através de linguagens de comunicação populares, como o audiovisual e aplicativos de dispositivos móveis, a arte pode traçar percursos relevantes para a sociedade, expandindo práticas de consciência coletiva e estimulando pensamento crítico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Fernando. **Arte, ativismo e tecnologias de comunicação nas práticas políticas contemporâneas**. Contemporânea, ed. 20, vol.10. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, Marcus A. A. **Interferência cultural: ativismo, mídia e arte**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.